

NOVEMBRO/DEZEMBRO 2010



03 DISTRIBUIÇÃO GRATUITA



MENE
LICK

2ª ATO

AFROBRASILIDADES
& AFINES



Coleção Primavera | Verão 2011

Cresposim

“Um Líder que Fez História”



“Na terra de ZumbiTupinikln, a realeza sempre vai vestir Cresposim.”



confira outros modelos no site
www.cresposim.com.br

LOJA CRESPOSIM

Rua 24 de maio, 116 - Lj. 13 térreo

Galeria Presidente

CRESPHONE

(11) 3331-1759

cresposim@yahoo.com.br

quilombo

ONDE ENCONTRAR

A SUA REVISTA

SOSO/ARTE AFRICANA
CONTEMPORÂNEA - AV. SÃO
JOÃO, 313, 2º ANDAR – CENTRO

LIVRARIA SUBURBANO
CONVICTO - RUA 13 DE MAIO,
70 – 2º ANDAR – BIXIGA

MUSEU AFRO BRASIL
PARQUE DO IBIRAPUERA,
PORTÃO 10 – IBIRAPUERA

CASA DA PRETA
RUA INÁCIO PEREIRA DA
ROCHA, 293 – VILA MADALENA

LOJA 1 DA SUL - RUA 24 DE
MAIO, 62 - LOJA 40 – CENTRO

MATILHA CULTURAL
RUA REGO FREITAS, 542
CENTRO

AÇÃO EDUCATIVA - RUA
GENERAL JARDIM, 660
VILA BUARQUE

Nabor Jr. | Jornalista e fotógrafo, 28 anos.

"A gente faz planos, e Deus dá risada"
omenelicksegundoato.blogspot.com



Cristiane Gomes | Jornalista, 32 anos.

"Uma jornalista que dança. Mas pode ser
também uma dançarina que escreve".
decrisumpouco.blogspot.com

**Renata Felinto | Mestre em Artes Visuais pela
UNESP, pesquisadora e artista plástica, 32 anos.**

"... vou levando como sou e vou sendo como posso,
jogando meu corpo no mundo..."
renatafelinto@gmail.com



**Edilamar Galvão | Poeta, jornalista e
professora de Estética na Faculdade
de Comunicação da FAAP, 39 anos.**

"Poema infinito".
esporos.wordpress.com

**Elizandra Souza | Poeta e
jornalista, 27 anos.**

"Jovem mulher revolucionária"
mjiba.blogspot.com



O MENELICK 2º ATO é uma iniciativa da MANDELACREW COMUNICAÇÃO E FOTOGRAFIA Rua Roma, 80 – Sala 144 - São Caetano do Sul / SP CEP: 09571-220 - Tel.: (11) 9651 8199

AGRADECIMENTOS Maria Cecília Braga dos Santos, Alexandre Bispo, Thays Quadros e a todos que direta ou indiretamente contribuíram para que a revista O MENELICK 2º ATO se tornasse realidade.

DIREÇÃO Nabor Jr.
omenelick2ato@gmail.com

COMERCIAL Maria Cecília Braga
omenelick2ato@gmail.com

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Edson Ikê | ensaiografico.com.br

CAPA Urso Morto
ursumorto.com

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA em galerias de arte, centros culturais, shows, festas, feiras, festivais, casas noturnas, lojas e zonas de conflito.

TIRAGEM 2 mil exemplares



Inspirado no mês da Consciência Negra, o artista desenvolveu um trabalho que subjetivamente dialoga com a questão racial (capa branca e contracapa preta), sem deixar de lado, é claro, a poética do universo fantástico, simbolizado pelo Urso, e de elementos como o sangue e símbolos religiosos, invariavelmente presentes em suas obras. Leia a entrevista com o artista em: omenelicksegundoato.blogspot.com



MANDELAGREW

editorial

"Este jornal aparece na hora em que precisamos tornar publico, nos dias de hoje, de amanhã e de sempre, os interesses e comunhão de ideias da raça, porque as outras folhas, alias veteranas, por despeitos políticos, tem deixado de os fazer; porém isso não tem importância; diz o ditado que "a dor ensina a gemer!..." e si não fosse a dor... este jornal não surgiria e nos continuaríamos marcando passo e sendo alvo da continua atitude dos diarios paulistas que, na surdina, vão pondo no cesto os originais que no presente momento o seu assunto vise a moral e a união politica do negro".

Reprodução do editorial do Jornal A Voz da Raça, publicado na cidade de São Paulo, no dia 18 de março de 1933.

+ SAIBA MAIS SOBRE A IMPRENSA NEGRA PAULISTA EM omelicksegundoato.blogspot.com

25

SÃO PAULO

RAP ZERO.11

Ritmo e poesia na
noite paulistana

Rincon "Elegância" Sapiência
Tapas Club, São Paulo, 2010

MANDELAGREW

8

O LEGADO DE SOLANO

Zinho Trindade: "Rimo pelo sangue derramado dos heróis".

11

CRIOCLICES: AFROBRASILIDADES EM MOVIMENTO

Carolina Maria de Jesus, Onesto, Mandela, Slim Rimografia e muito mais

16

MEMÓRIA E RESISTÊNCIA

A arte contemporânea afro-brasileira muito além do caráter religioso

22

STEVE BIKO E A CONSCIÊNCIA DA VERDADE

"Não se pode aceitar a opressão"

34

CAPULANAS

A mulher negra como protagonista na dramaturgia brasileira

36

DANÇA AFRO

A dança que fortalece



DIVULGAÇÃO



Zinho Trindade

Rimando pelo sangue derramado dos heróis

POR VANESSA CAFÉ E NABOR JR. | FOTOS MANDELACREW | ILUSTRAÇÃO TAÍME GOUVÊA (poliketa.blogspot.com)

São Paulo, quinta-feira, 14 de outubro de 2010. No pulso, o velho relógio marca 23h47. Há pouco uma garoa fina começou a cair do céu. Ruas e roupas molhadas deixam tudo ainda mais frio.

Mas dentro do espaço cultural Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, em Perdizes, zona oeste da capital, onde acabara de se encerrar mais uma contagiante edição do ZAP (Zona Autônoma da

Palavra), evento que celebra a poesia falada, o clima é quente.

E é de lá que surge Zinho Trindade. De mochila nas costas, andar apressado e uma boina de veludo sobre os longos dreadlocks espalhados pela jaqueta de estilo militar.

Atrasado para o show que faria ainda naquela noite, ao lado da banda Legado de Solano, em

Pinheiros, resolveu conceder a entrevista no carro, a caminho da apresentação.

Poeta, MC, ator e escritor, Ayrton Félix Olinto de Souza, apelidado Zinho Trindade, teve seus primeiros contatos com a cultura popular brasileira na cidade de Embu das Artes, onde nasceu. Incentivado pela avó, a artista plástica, coreógrafa e folclorista Raquel Trindade, ainda criança frequentou rodas de umbigada, maracatu e jongo mineiro promovidas pelo Teatro Popular Solano Trindade, dirigido por Raquel e que tem o seu trabalho voltado à preservação e promoção da cultura popular nacional.

Por volta dos 16 anos descobriu o rap, que mais tarde viria ser a principal vertente da sua produção musical. Adepto do estilo freestyle e da improvisação, apropria-se de samplers de tambores de terreiro e coco para rimar a cultura popular afro-brasileira que conheceu tendo acesso ao legado do bisavô.

Legado este que originou o projeto *Zinho Trindade e o Legado de Solano*, formada pelos músicos Negro Lima, Aimê Uehara, Bruno Duarte, Manoel Trindade e Dj Erry-g, que transformam em música os poemas do poeta negro.

Definitivamente Solano está vivo, não apenas nos improvisos e no sobrenome de Zinho, ou nas coreografias e pinturas de Raquel. O legado do poeta extrapola os laços familiares do clã Trindade, ele está também em João, em Maria, em José, e em cada um dos brasileiros que hoje “desfrutam” do

Linda Negra

Naquela noite
ficou o teu olhar branco
vagando no escuro
entre ternura e medo
teus olhos grandes
dançavam como loucos
na música do silêncio

Eu era animal e poeta
a procurar em ti
o que perdi em outra

(Poema de Solano Trindade publicado
no livro “Cantares de Meu Povo”, de 1961)

seu “sangue derramado”.

O LEGADO DE SOLANO

Mesmo reverenciado por nomes como Carlos Drummond de Andrade, Darcy Ribeiro, José Louzeiro e Sérgio Milliet, a obra de Solano Trindade não consta nos manuais de Literatura brasileira, é pouquíssimo mencionada nas salas de aula e dificilmente encontrada em livrarias ou bibliotecas.

Contudo, por também ser um Trindade, além de ter nascido e crescido em Embu das Artes, desde criança Zinho ouve falar do bisavô, não

“SE A COISA TÁ PRETA, É PORQUE TÁ BOM”

No último mês de setembro, Zinho Trindade lançou seu primeiro livro, intitulado *Tarja Preta*, pela editora independente Edições Maloqueiristas. A compilação de poemas, poesias, prosas e versos fruto de 14 anos de noites mal dormidas é, como ele mesmo define, “para o povo”.

“Se um acadêmico ler o meu livro ele não vai entender nem a metade, porque grande parte é gíria. Gíria de cadeia, de rua de quebrada. Meu livro é pra nós”, resume o poeta marginal.



Tarja Preta
Autor: Zinho Trindade
Edições Maloqueirista
Ano: 2010

apenas como mais um integrante da família. “Solano Trindade é sinônimo de resistência e de luta. Para mim ele é um guia. Apesar de ter falecido há mais de 30 anos, sua linguagem é viva e contemporânea ainda hoje”, afirma.

Poeta de importância fundamental para a literatura afro-brasileira, Francisco Solano Trindade nasceu no bairro de São José, em Recife (PE), em 24 de julho de 1908.

Foi pintor, teatrólogo, folclorista, ator e, sobretudo, poeta da resistência negra. Ciente de que tinha a missão de não só fazer poesias, mas de atuar como intelectual que busca interferir na vida sociocultural de seu tempo, participou de uma série de atividades dos movimentos negros e da cultura brasileira desde a década de 1930.

Escreveu os livros *Poemas Negros* (1936), *Poemas de Uma Vida Simples* (1944), *Seis Tempos de Poesia* (1958) e *Cantares de Meu Povo* (1961).

Em seus textos ficam evidentes os traços característicos de um intelectual ativo, interessado em fazer de seu trabalho um elemento decisivo para a construção de um país menos desigual.

Entre outros de seus inúmeros feitos, fundou a Frente Negra Pernambucana e o Centro de Cultura Afro-brasileiro. Faleceu em 1974, aos 66 anos, no Rio de Janeiro. 🖤

▶ CLICK

omenelicksegundoato.blogspot.com
zinhotrindade.blogspot.com
myspace.com/zinhotrindade

POR NABOR JR.

LITERATURA

Conversas que tive comigo

Conversas que tive comigo, livro de memórias de Nelson Mandela, adquirido pela editora Rocco no mais disputado leilão da Feira de Frankfurt de 2009, tem lançamento previsto no Brasil para a primeira quinzena do mês de novembro.

Baseado no arquivo pessoal de materiais inéditos de Nelson Mandela, incluindo seus diários da prisão (onde permaneceu por 27 anos), suas anotações sobre as negociações para o fim do apartheid, correspondências, recortes de jornais e rascunhos de discursos e gravações nunca vistos nem ouvidos antes, o livro tem o prefácio assinado pelo presidente americano Barack Obama.

Considerado um dos maiores lançamentos do ano pelo mercado editorial, *Conversas que tive comigo* traça um retrato pessoal do ex-presidente sul-africano, ganhador do Prêmio Nobel da Paz em 1993 e um dos maiores líderes de nosso tempo.

Autor: Nelson Mandela
Tradução: Ana Deiro, Ângela Lobo e Nivaldo Montingelli.
Editora: ROCCO
Quanto: R\$ 39,50

LITERATURA

A Descoberta do Frio

Jornalista, escritor e poeta, Oswald de Camargo, que em 2009 completou 50 anos de vida literária dedicada às questões relacionadas com a vivência e a alma afro-brasileira, prepara-se para lançar neste final de ano a edição revista e ampliada do romance *A Descoberta do Frio*, de 1979.

“Trata-se de uma metáfora do preconceito, do racismo e da indiferença de um para com o outro”, define o poeta, que em sua produção faz uma ponte entre a nova geração literária e os escritores remanescentes do movimento negro de outras décadas.

Considerado um dos maiores conhecedores da literatura negra brasileira e internacional do país, Camargo, pioneiro na tentativa de captar em prosa o processo de conscientização negra, atualmente coordena o núcleo de literatura do Museu Afro Brasil.



Autor: Oswald de Camargo
Editora: Ateliê Editora

+ INFO:
oswaldodecamargo@bol.com.br



MARIANA WILSON

Dezembro Negro

Dando continuidade a temática étnica que cerca o evento *Novembro Negro*, promovido pela Biblioteca de São Paulo, a atriz soteropolitana Maria Gal (com passagens pelas companhias Bando de Teatro Olodum e Os Crespos), realizará nos dias 1º e 4 de dezembro, respectivamente às 19h30 e 17h30, leitura de um texto autoral que reflete sobre como a mulher negra está inserida nas relações raciais e sociais no Brasil, e como a mesma sai da zona de conforto para ir em busca de sua dignidade e integridade na sociedade em que vive. A atividade tem a direção de Eugênio Lima e contribuições de texto de Cuti e Georgette Fadel. A Biblioteca de São Paulo fica na Av. Cruzeiro do Sul, 2630, em Santana.

bibliotecadesaopaulo.blogspot.com
galquaresma.wordpress.com

(11) 2089-0800



DIVULGAÇÃO

ARTE URBANA

Animais de concreto

A exposição *Animais de Concreto*, mais recente trabalho do pintor, escultor e artista multimídia Alex Hornest, o Onesto, fica em cartaz na Cavalaria ART PROJECTS, no Jd. Paulista, até o dia 30 de novembro.

Composta por três painéis pintados nas ruas (Av. 09 de Julho/prox. a Praça 14 Biz, na Bela Vista; Rua da Consolação com Av. Rebouças, no Centro, e na Rua Domingos Calheiros, 308, no Tucuruvi) e por três esculturas produzidas em madeira, argila e concreto, expostas na Cavalaria ART PROJECTS, a mostra faz uma analogia entre o cárcere e a liberdade, apresentando animais africanos, pintados em seu habitat natural - onde são livres - e esculpidos em uma área fechada, aprisionados em jaulas e caixas.

A ideia é mostrar as diferenças de

50 anos do livro Quarto de Despejo (1960 – 2010)

Por Sidney Santiago, em homenagem ao 50 anos de lançamento da obra



comportamento nestas duas situações distintas e levar, de modo subjetivo, o espectador a pensar em como a escravidão interfiriu, negativamente, modificando a rotina e a história do povo africano.

Cavaleria ART PROJECTS
Alameda Lorena, 1922, Jd. Paulista.
De Terça-feira a Sábado das 12h às 19h.

Uma lãnsã louca que dançava na brasa de Xangô, usava colar de pérolas e tinha cerol na língua.

“Quando agente tem fome a gordura fritando na panela é um espetáculo deslumbrante...”

O que falar de Carolina Maria de Jesus?

Uma mulher negra favelada que escreveu um livro sobre a favela, ou uma catadora de papel que nas horas vagas resolvia escrever e seus escritos foram achado e publicados?

Nem uma das descrições acima me apetece. Carolina é muito mais, ela foi navalha que feriu profundamente os

interesses do projeto nacional de invisibilizar a maioria. Carolina foi megafone ambulante, caixa de música e como todo artista que é genial, ela sangrou na avenida. Como materializar essa mulher que no auge dos anos 50 e 60 foi uma pedra no sapato de Juscelino Kubitschek e Jânio Quadros?

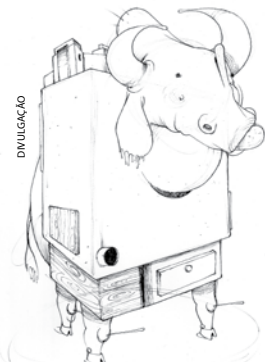
Certa vez Carolina disse: “O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A Fome também é professora”. (Pós lula seria Carolina também vidente?)

O fato é que ainda optamos e preferimos a Carolina factóide, sofrida

que nasceu em Sacramento (MG), mulher largada, mãe solteira de três filhos, vítima de todas as mazelas do país. Assim preterimos a criadora de imagens, a musa, a testemunha, a sonhadora, e damos sombra a uma voz que nos conta.

Nosso dever de casa e das futuras gerações é produzir e investigar a Carolina literata, a cirurgia perfeita na elaboração de metáforas. E assim Carolina Maria de Jesus ocupará seu lugar de merecimento: ser ensinada como literatura brasileira em todas as escolas do país.

Sidney Santiago é ator e um dos fundadores da Cia. de Teatro Os Crespos. Atualmente reside em Luanda, na Angola.



DIVULGAÇÃO



DIVULGAÇÃO



MANDELACREW

myspace.com/leididai

MÚSICA

Semente no meu quintal

Lei Di Dai, ou simplesmente Dai, nasceu Daianne Regina Nascimento dos Santos, na zona leste de São Paulo, no ano de 1977.

Diferentemente dos olhos azuis e da conta bancária da generosa Princesa Daianna, a paulistana de voz aguda e letras conscientes já comeu o pão que o diabo amassou, tanto na vida como na música.

Hoje, aos 33 anos, sendo 10 de carreira e considerada um dos principais nomes do Dancehall feminino no país, ela começa a colher os frutos das sementes que plantou.

O QUE ANDA FAZENDO

Shows pelo Brasil e promovendo as festas Jameika Dub, que acontece às terças, e Dancehall Ragga, ambas

no CCPC. Também estou escrevendo novos sons pro próximo disco.

MELHOR COISA QUE TE ACONTECEU NO ANO

A gravação do DVD Mixtape Dancehall Ragga, a parceria com os caras do South Rakkas Crew, que resultou na música "Smoking Sensi" e o sucesso das festas Dancehall Ragga e Jameika Dub.

O QUE ESTÁ OUVINDO

Muito New Roots e Dancehall atual.

2011

Fazer shows do DVD, gravar algumas faixas da minha parceria com Mad Professor, filmar e lançar meu vídeo clip, fazer uma nova turnê pela Europa e América Latina.

Voavante

O álbum *Voavante*, disco de estréia do grupo paulistano Avante O Coletivo, previsto para chegar às ruas em novembro, é mais uma mostra da boa fase em que vive o rap paulistano.

Relatos do cotidiano da periferia, no caso Heliópolis, "quebrada" do grupo, críticas ao governo, valorização do estudo, do trabalho e uma forte influência do samba e do rap nacional, formam o alicerce do álbum, que se sustenta sobretudo pelas inspiradas participações especiais de Izzy Gordon, Lupa Baze, Fernandinho Beatbox, Renam Samam, Fantí e Helene Fausart, da dupla francesa Les Nubians. A romântica *É de você que eu preciso* e as dançantes *Vitórias acontecerão* e *Sobrenome Trabalho* dão sinais que U-China, Jota Be, Tô, Dj Régis e Luiz Motta estão no caminho certo.

myspace.com/avanteocoletivo

MANDELACREW





PACLA VIANNA

Experimentalismo periférico

O single do novo disco da parceria entre os paulistanos Slim Rimografia & Thiago Beats, com previsão de lançamento para novembro, leva o mesmo nome do álbum: *Mais que Existir*. A música conta com a participação da cantora Karina Izalino e do Dj RM nos refrões e está disponível na rede (www.srtb3.com).

Disposto a novas experimentações musicais e sem medo de enfrentar as críticas e o possível estranhamento do público, especialmente do seu, *Mais que Existir* mostra um Slim que passa a se aceitar melhor como artista, o que próprio avalia ser parte da sua evolução com a música. Com forte influência rock 'n' roll, a canção nos propõe uma reflexão sobre os desafios enfrentados cotidianamente. Thiago Beats, que esteve presente nos dois trabalhos anteriores do rapper, o acompanha novamente em toda a produção do novo álbum, que conta também com os arranjos de Filiph Neo.

srtb3.com | myspace.com/slimrimografia

A dona da feira

“Em 2002 fiquei desempregada, sem dinheiro nem pra me locomover. Então decidi participar de feiras de ruas (na Pompéia e na Vila Madalena) vendendo roupas do meu armário que não usava mais. Em umas dessas feiras, em 2001, tive a decepção de ser roubada em um arrastão. Desde então parei de participar das feiras de rua e, junto com uma amiga que também estava desempregada, decidi montar uma feira étnica, pois percebíamos a falta de expositores negros e produtos segmentados nesses eventos. Em 2002 surgiu a Feira Preta, na Praça Benedito Calixto, com uma idéia na cabeça e um sonho no coração”.



MANDELA CREW

NOME | Adriana Barbosa, 33 anos

O QUE FAZ | É a idealizadora da Feira Cultural Preta, evento que em oito edições já reuniu mais de 70 mil pessoas.

O QUE É | A Feira Preta é um modelo híbrido de cultura e economia que reúne protagonistas da cultura afro-brasileira de diversas regiões do Brasil. A partir do seu formato dinâmico atua em duas vertentes: difusão da cultura negra e estímulo a negócios de empreendedores negros.

UMA MÚSICA | Bom Feeling, da Sara Tavares

UM FILME | Shaft, de John Singleton

UM LIVRO | Vale Tudo: Tim Maia, de Nelson Motta

UM SITE | www.buala.org

UMA FRASE | “O Sonho Obriga o Homem a Pensar”, do geógrafo Milton Santos



Crispim + Milho, do artista Eustáquio Neves



MEMÓRIA E RESISTÊNCIA

NA ARTE CONTEMPORÂNEA AFRO-BRASILEIRA

POR RENATA FELINTO | FOTOS DIVULGAÇÃO

A arte contemporânea brasileira recebe influências diversas e envereda por vários caminhos, sendo um dos observados a tendência a um grande recorte ou mesmo releitura de tudo o que já foi produzido em artes plásticas até hoje.

A pesquisadora Kátia Canton, explícita e contextualiza esta disposição às apropriações, citações e releituras apontadas por meio de uma pesquisa na qual mapeou 70 artistas brasileiros e identificou temáticas recorrentes como, por exemplo, a memória física e psíquica; identidade e anonimato; estranhamento e auto imagem. Algumas

das temáticas citadas estão em consonância com a produção de artistas afrodescendentes contemporâneos como Edson Barrus, Eustáquio Neves e Rosana Paulino, que aproximam-se destes assuntos contemplando aspectos estéticos e tecendo reflexões sobre a trajetória e o lugar ocupado pela população negra.

Barrus, Neves e Paulino coincidem na temática norteadada pelo fio antropológico, ancestral, negro, escravo e na opção por técnicas derivadas da linguagem fotográfica, porém, sobretudo, estabelecem relações entre suas heranças africanas e seu presente afrodescendente apresentando obras que não se limitam à menção da religiosidade afrobrasileira, ampliando, assim, a compreensão do que vem a ser a arte afrodescendente.

Edson Barrus é pernambucano, formado em Zootecnia e Mestre em História da Arte. Sob o título Base Central Cão Mulato, sua obra metaforiza e compara a qualidade de mulato à de um cão vira-lata, ambos resultados de cruzamentos.

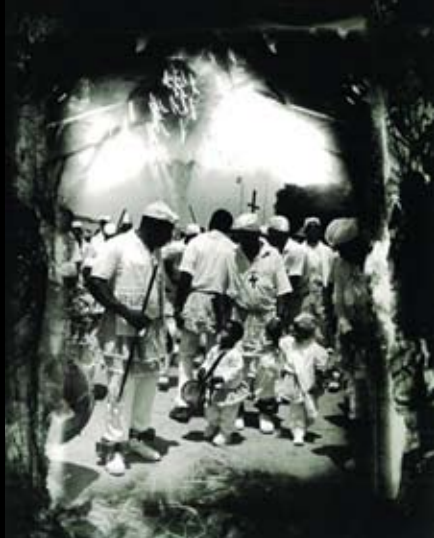
Em sua instalação, Barrus simula o cruzamento dos DNAs de raças de cães previamente selecionadas, que se completa na Base Central Cão Mulato formada por vários equipamentos. O racismo praticado contra o mulato, que de forma contundente e

agressiva é comparado a um vira-lata é o mote da obra. O quadro observado revela a inquietação: "o que são os mulatos dentro da sociedade brasileira?". Inquietação que permeia o trabalho de Barrus, já que o mulato, de fato, não é branco e nem negro, é exatamente os dois, um tipo novo, que se reinventa, na visão categórica do artista, assim como um cão vira-lata.

O mineiro Eustáquio Neves é autodidata desde 1984, e abandonou a profissão de químico técnico para se dedicar integralmente à fotografia. Seus trabalhos são produtos de imagens fragmentadas que se reconstróem através do processo químico, pela superposição de negativos, dando origem a imagens duplas, até múltiplas, conferindo às mesmas aspecto antigo, espectral, que pode ser relacionada à memória, ao ancestral. Neves desvela, através das imagens da série Arturos, a condição de humanidade que séculos de escravidão tentaram subtrair aos descendentes dos africanos no Brasil. Os Arturos constituem um grupo familiar de negros que vivem em Contagem (MG). A manutenção da cultura negra e afro-religiosa



Imagem da *Série Bastidores*, 1997, da artista Rosana Paulino



Trabalho da *Série Arturos* (1993/94)
Eustáquio Neves

recebida de seus ancestrais e materializada em festas é a sua principal característica. A origem da comunidade é o negro Arthur Camilo Silvério.

Com esta série, Neves fez com que a tradição se revestisse de roupagem atual, despertando naqueles que tomam contato com a obra valores ancestrais estranhos à realidade pós-moderna. Quantos não são os afrodescendentes que não sabem a história de suas famílias? De seus ancestrais? Com Arturos, Eustáquio Neves recupera a narrativa de descendentes de africanos que se recriam e se relembram no seu simples modo de ser, viver e pertencer.

Rosana Paulino, paulistana formada em Artes Plásticas retira de suas vivências o seu assunto principal. No universo da sua intimidade, transmite e causa reflexões ao compartilhar o exercício de ser “mulher e negra” em um mundo moldado para o “homem e branco”. Na pequena série *Sem título*, na qual a artista usa como suporte bastidores de bordado com fotografias de mulheres de sua família transferidas para o tecido, evidencia a condição de mulheres que se sentem impotentes diante de uma sociedade que as menospreza, que ignora suas opiniões, seus anseios e sua estética. Todas essas privações foram exteriorizadas por Paulino através de um ato doméstico: costurar, coser. O inocente ato de costurar ou de bordar é transfor-

“As obras destes artistas caminham para além do aspecto formal, pois incomodam, comunicam e socializam certos saberes, demonstrando que eles estão na contramão da tendência da arte que cita a si própria e que, não raramente, gera produções ininteligíveis restringindo e afastando o grande público da apreciação da arte contemporânea”.

mado em agressão, coação, deformação. O que de belo resultaria da confecção das linhas coloridas de um bordado, manifesta-se como a impossibilidade de ser, ter e pertencer a todos os valores que estão agregados a este fazer: ter um marido, uma família, constituir um lar.

Suas mulheres são cerzidas, assim como algumas mulheres que sofrem a excisão, e por isso são privadas do prazer sexual, neste caso, privadas do prazer de viver com dignidade, com a consciência do próprio valor. Esse contra-senso, ou até "castração social", é perceptível no cotidiano de mulheres negras abandonadas à própria sorte pelo companheiro, pelos serviços sociais, pela sociedade. Barrus, Neves e Paulino tocam em feridas mal

catrizadas que persistem no cotidiano do povo brasileiro e também resistem ao ambiente misterioso da arte contemporânea nacional. ♣

► LEIA

Livro: *Novíssima arte brasileira*

Autora: Kátia Canton

Editora: Iluminuras

São Paulo, 2001

► CLICK

rosanapaulino.blogspot.com

museufrobrasil.org.br



GEGÊ FILMES

Os melhores títulos do Cinema Negro Contemporâneo

SPIKE LEE . JOEL ZITO ARAÚJO
ZÓZIMO BULBUL . EDDIE MURPHY
STEVE BIKO . FOREST WHITAKER
MALCOLM X . DENZEL WASHINGTON
GRANDE OTELO E MUITO MAIS!

cristianopereira.r@hotmail.com

Dr^a. Eliani Ono

Psicóloga Especialista em Psicoterapia Breve
Atua na linha Comportamental com Fundamentação Psicanalítica
CRP 06/03123-3

PSICOTERAPIA DE CASAL E INDIVIDUAL Adolescentes e Adultos

Autora dos livros:

- Eco, um grito de liberdade
- Você já se abraçou hoje?
- Terapia do Amor
- Relacionamentos, Amor e Sexo

AGENDE SUA CONSULTA!

R. Visconde de Inhaúma, 277 - Sala 12 . São Caetano do Sul/ SP . (11) 4231 3206 . eliani.ono@gmail.com

A VOZ E A VEZ DA PRODUÇÃO CULTURAL AFRO-BRASILEIRA



ANUNCIE!
11 9651-8199

OMENELICK2ATO@GMAIL.COM



A Consciência da Verdade

POR EDILAMAR GALVÃO | FOTOS ARQUIVO

Pode ser difícil perceber o preconceito. Nenhum preconceituoso se vê como tal, pois o preconceito é sempre a um só tempo o fruto e a manifestação da ignorância. Uma experiência pessoal fez-me confrontar com a minha própria num acontecimento que considero fundador e epifânico, apesar de sua aparente banalidade.

Eu já estava na faculdade e acreditava que o Brasil era um país livre de preconceito racial. Minha opinião era fundada no “fato” de sermos o país do futebol, do samba, do carnaval e de um povo “cordial”, como se dizia. Um dia numa discussão em sala de aula sobre o racismo, manifestei a opinião de que não havia racismo no país, pois éramos todos em geral pacíficos e bonzinhos uns com os outros. Aurélio, um amigo negro que eu adorava, me olhou espantado e perguntou: “Dila, quantos alunos negros você está vendo nessa sala de aula?” Ele era o único. Meu silêncio constrangido já era a resposta. Ele continuou: “Racismo é isso!”. A partir daí nunca mais tive dificuldade de entender a relação marxista entre práxis e ideologia. Compreendi que a verdade das idéias deveria ser atestada na própria vivência e realidade social.

Muito mais tarde, só no ano passado, vim saber a respeito de um homem chamado Stephen Biko (1946-1977). Surpreendentemente ele não é tão conhecido como Mandela, mas suas idéias sim. “Consciência Negra”, “ação afirmativa” e a expressão “Black is beautiful” têm origem nos movimentos que Biko fundou, liderou e dos quais fez parte. Foi o cinema que me apresentou Biko em *Um Grito de Liberdade*, filme de 1987, dirigido por Richard Attenborough, com Denzel Washington no papel principal.

No filme, Donald Woods (1933 – 2001), inter-



Cena do filme *Um grito de liberdade*, de Richard Attenborough

pretado pelo ator Kevin Kline, é editor de um jornal progressista na Cidade do Cabo e denuncia a violência e a dominação dos brancos contra os negros, porém escreve editoriais contra Biko por entender que a idéia de “consciência negra” seria tão racista quanto a própria idéia de superioridade branca.

Woods percebia claramente o preconceito de seu país. Mas, progressista que era, não poderia ser consciente do que restava em si mesmo do preconceito social. O filme é baseado no livro “Biko”, do próprio Woods, e conta seu envolvimento com o líder negro, o mundo que este lhe apresentara e, a partir daí, uma nova compreensão e vivência de sua realidade.

Ao final, ficamos ainda sabendo que o governo



“O racismo não implica apenas a exclusão de uma raça por outra – ele sempre pressupõe que a exclusão se faz para fins de dominação”

Steve Biko, contra-argumento em relação ao que os brancos falam sobre o suposto racismo dos negros dirigido aos brancos.

da África do Sul aprovou, a partir de 1962, o aprisionamento sem julgamento, e alegou suicídio, doença, ou um acidente qualquer como causa mortis para seus presos políticos – incluindo Biko –, nunca, claro, o assassinato. Seria essa a história oficial, não fosse o engajamento de todos aqueles que não suportaram a mentira.

A idéia de Biko de “consciência negra” advogava que não se poderia assimilar a violência e a inferioridade imposta pelo outro. Numa cena do filme, vemos Biko defendendo o confronto – e é o confronto das idéias, mas das idéias que vão as ruas, que se manifestam, que se realizam na promoção de condições de educação, de trabalho, do enfrentamento do poder constituído

(todos temos e estamos envolvidos em relações de poder, embora nem sempre nos damos conta disso) da conscientização do maior número de pessoas para conquistar uma sociedade mais justa – mais justa para todos.

Há um sentido universal na idéia de consciência negra de Biko: o sentido da consciência da verdade. Qual verdade? O perigo – e a vitória – da opressão ocorre quando o oprimido aceita esse lugar. É essa a lição de Biko. Não se pode aceitar a opressão. Pois ela começa na realidade social e instaurar-se também na consciência que os indivíduos tem de si mesmos. Por isso é preciso combatê-la desde dentro de nós próprios. Mas é nas ações que este combate à injustiça e à mentira faz-se realidade e, portanto, verdade. 🍷

► ASSISTA

Filme: Um grito de liberdade (Cry Freedom)
Diretor: Richard Attenborough
Ano: 1987


► OUÇA

Música: Biko's kindred lament
Grupo: Steel Pulse
Álbum: Tribute to the martyrs
Ano: 1979

► LEIA

Livro: BIKO
Autor: DONALD WOODS
Editora: Best Seller
Ano: 1987





Rappin Hood
Memorial da
América Latina
2007

O Rap talvez seja hoje, no país, o estilo musical (sim! o Rap também é música) com maior capacidade de transformação de um indivíduo. Para o bem e para mal, diga-se de passagem. Caracterizado pela sobreposição do texto sobre a música propriamente dita (sua melodia e delírios sensoriais), os versos e rimas do Rap saltam aos ouvidos. Assim, a letra, na maioria das vezes longe de clichês e imposições da indústria cultural, brota do coração, transformando-se em manifesto nas vozes de famintos jovens obcecados pela vida e pelo ritmo. O cinza cotidiano esmorece ao ver o colorido que o ritmo/ movimento tem. Mais contundente voz da periferia é, ao mesmo tempo, espelho para os seus como notícia para os “outros”. Sua relevância e eficiência em transformar vidas e revelar uma identidade há quem jamais havia se observado (ou observado ao seu redor), deveria ser mais respeitada. Sorte daqueles que, livres de preconceitos, se deixam amarrar pelo som.

SÃO.PAULO RAP.ZERO 11

POR NABOR JR.

Maior e mais populosa cidade da América

Latina, São Paulo segue a risca sua heterogeneidade geográfica e humana também na música, e com o Rap não é diferente.

Este ensaio, cujo algumas imagens foram expostas em Paris e Ambarès et La Grave, na França, em 2009, captou parte da efervescência da noite rap paulistana durante os anos de 2007, 2008 e 2009. Período que o ritmo, assim como hoje, era sinônimo de intensidade nos clubes e festas do centro da cidade.

Seu braço periférico é verdade, desde o início dos anos 2000, já havia conquistado com méritos espaços e públicos diversos. Assim, esta mostra, sabedora das suas limitações históricas, veste-se de cunho documental para celebrar artistas e protagonistas do Rap paulistano. Zero onze por natureza. 🏆



Dj Kl-Jay
Sintonia
2007



Dj Marco
Hole Club
2009



Ice Blue e Mano Brown
SESC Pompéia, 2010



Afu-ra
Hole Club
2009

Parteum
Hole Club
2008



Dj King
Hole Club
2009





Daniel Ganjaman
Studio SP
2009



LEANDRO GODOI (LEANDROGODOI.COM)

Dj Hum
Comitê Club
2010

RAP.ZERO 11

Thaíde
SESC Pompéia
2010



Dj Zegon
Pinheiros
2009





Criolo Doido e Pentágono
Hole Club
2009




Kamau
Teatro Cacilda Becker
2009

Flora Matos
Studio SP
2009



Emicida
Hole Club
2009






Sombra
Sarajevo Club
2009

VEJA O
ENSAIO
COMPLETO

DMENELICKSEGUNDOATO.BLOGSPOT.COM



Dj Cia, Helião e Sandrão
Pirituba
2009



“(Na universidade) existia uma forte segregação, éramos poucos alunos negros e como tínhamos sonhos e questões em comuns dentro do nosso individual, fomos criando uma familiaridade e uma articulação política dentro do curso”, relembra Adriana.

Com o propósito central de dialogar com a sociedade sobre as descobertas, anseios e percepções da mulher negra, fortalecendo seus reais valores perante estereótipos enraizados na cultura nacional que subesti-

POR ELIZANDRA SOUZA | FOTOS CASSIMANO (cassimano.com)

A arte híbrida das

Capulanas

Cia. de Arte Negra



Quatro mulheres negras, quatro histórias em ebulição, quatro corpos desenhando-se no mesmo palco: poesias, músicas, gestos, inquietações e danças. Esta é a Capulanas Cia de Arte Negra, grupo “paulistafricano” formada pelas atrizes Adriana Paixão, Débora Marçal, Flávia Rosa e Priscila Preta, que se trançaram em 2007, durante o curso de Comunicação das Artes do Curso, na PUC/SP.

mam o papel da mulher negra na sociedade, em novembro de 2007, durante a Semana de Arte Moderna da Periferia, organizada pela Cooperifa, o grupo fez sua estréia nos palcos.

O nome Capulanas faz referência a um pano tradicionalmente usado pelas mulheres africanas para cingir o corpo, fazendo às vezes de saia, podendo ainda cobrir o tronco, a cabeça e que

“Dentro da sociedade que vivemos a mulher negra está no final da pirâmide social. Essa é nossa inquietação”

Flávia Rosa, ao explicar o motivo de uma Cia. majoritariamente formada por mulheres negra.

leva o nome de Capulana. De origem tsonga (povo africano de maior população na região sul de Moçambique), seu uso aparece no continente africano inteiro. “Vimos o desenho na capa do livro Punga, e tinha uma questão muito forte de uma mulher com uma arma na mão e um filho nas costas. Essa questão da maternidade



e da independência. Como ser mãe e ao mesmo tempo ser independente? Observamos que as Capulanas tem um significado muito importante na vida das mulheres. Uma mulher na sua fase anciã, por exemplo, tem um baú de capulanas e a história da família é contada por meio destes tecidos”, explica Priscila.

LEIA A MATÉRIA NA ÍNTEGRA:
OMENELICKSEGUNDOATO.BLOGSPOT.COM



Negras Poesias

Atualmente, a Capulanas está percorrendo diversos quintais das periferias de São Paulo com o espetáculo Solano Trindade e Suas Negras Poesias, do Projeto Pé no Quintal, contemplado pela edição do Programa de Fomento ao Teatro da Secretaria Municipal de Cultura. A ideia de levar a peça para o quintal está relacionada ao fato deste ser um espaço de convivência do público alvo do projeto, ou seja, moradores das periferias que pouquíssimo consomem cultura, incluindo teatro. O espetáculo, que também tem textos meus e das demais integrantes da Cia (que contribuem com suas vivências e narrativas traduzindo-as de forma poética), retrata a força da mulher negra por meio das poesias de Solano Trindade, buscando a ancestralidade nas manifestações populares de matriz afro brasileira. Por meio do elemento MC, igualmente dialoga com a cultura Hip Hop. 👑



POR CRISTIANE GOMES | FOTOS MANDELACREW E DILVULGAÇÃO

A dança que fortalece

“A arte não se separa da vida. Antes, abrange todas as suas formas de atividade, conferindo-lhes sentido.” A frase, do filósofo malinês Hampâté Ba, se aplica muito bem quando se pensa no lugar que a música e a dança ocupa nas culturas africanas e claro, na brasileira também.

As nações africanas que, escravizadas, vieram para o Brasil, deixaram muito mais que o suor de seu trabalho forçado. Constituíram também a base da cultura brasileira. Séculos depois, esse caminho continua sendo trilhado e a (re) descoberta da dança e da música

africana (que é o que nos cabe dizer aqui) segue a todo o vapor.

A dança afro está em um balaio bem grande, que envolve uma importante complexidade. A movimentação dos orixás é uma das primeiras que vem a mente. Mesmo marginalizada, saiu dos terreiros de candomblé e ganhou espaço pedagógico em escolas e grupos artísticos. Grande parte das danças brasileiras também tem seu pé (e boa parte do corpo) na África. É o caso do jongo, da congada, do batuque de umbigada, do côco.

Nos últimos anos, em São Paulo, tem crescido o



interesse pela prática das danças tradicionais africanas. “Houve uma importante valorização. Apesar das pessoas conhecerem pouco, quando conhecem, se identificam, porque existe um vigor que é percebido no corpo”, conta a bailarina Flávia Mazal, que há sete anos oferece aulas de dança africana na capital.

Para além de uma atividade lúdica ou folclórica é fundamental conquistar mais reconhecimento. “Eu sempre considerei que estas danças têm um conteúdo técnico tal e qual outras expressões corporais. Mas a gente tem, em geral, pouca legitimidade porque não se construiu um conteúdo, uma pesquisa acadêmica sobre elas”, comenta Luciane Ramos, antropóloga e dançarina afro (como ela mesma gosta de dizer). Seu primeiro contato com a dança africana, ironicamente, não aconteceu nem no Brasil, nem na África. Foi nos Estados Unidos, quando então estudante de antropologia, ganhou uma bolsa de estudos. De volta ao país, surgiu o desejo de mais pesquisa e conhecimento.





ENQUANTO ISSO NO BRASIL

Um belo exemplo dessa herança e influência que a África tem sobre nós é o Bloco Afro Ilú Oba de Min. Criado pelas percussionistas e arte-educadoras Adriana Aragão e Beth Beli, o grupo tem entre seus objetivos principais celebrar a cultura afro-brasileira fortalecendo o papel da mulher e ocupando o espaço público. A bateria é composta exclusivamente por mãos femininas que tocam agogôs, djembês, alfaias e xquerês. Os homens, se quiserem, podem estar no corpo de dança do grupo. Há seis anos, milhares de pessoas acompanham seu cortejo pelas ruas do centro da capital nas sextas de carnaval. Neste ano o grupo se tornou Ponto de Cultura e conquistou sua sede, no bairro da Barra Funda. Mas os ensaios/oficinas para o carnaval 2011 (que já começaram) seguem acontecendo no Centro de São Paulo. Em seus carnavais, o Ilú leva para as ruas a riqueza de histórias ou de figuras importantes para a cultura africana e/ou afro-brasileira. Em 2011, as Candaces (Rainhas Mães Africanas) serão o tema.

Tão presente e fundamental para a existência do ser, a dança comunica os hábitos e a verdade de uma cultura, impulsionando os corpos à criação. “No caso da África, embora ela seja diversa, existem fatores que podemos considerar como homogêneos no continente, que é o lugar da música e da dança, que faz parte da vida”. Vida essa que pode ser transformada. “Através da

dança me percebi como mulher e negra e também fui percebida. Entendi o que é ter identidade racial, independente de pré ou pós conceitos; passei a entender minha história, quem sou, onde e porque estou”, diz Bia Rodrigues, dançarina do Ilú Obá de Min, há cinco anos.

Pergunto se você que está lendo essa matéria percebeu uma certa paixão pela dança e música africana e afro-brasileiras. Pois é, a jornalista que vos escreve deixou a imparcialidade de lado (se que é que ela existe mesmo), porque é também praticante da dança africana e dançarina do grupo Ilú Oba de Min. Mas o que aqui está é fato, não tem discussão: é verdadeira a riqueza dessas manifestações artísticas e seu potencial transformador. Encerro fazendo minhas as palavras de Luciane Ramos: “A cada vez que danço, me reconheço, me conheço e aprendo mais. A dança é um espaço de conhecimento”. 👑

► VAI LÁ (Aulas de dança africana)

Sala Crisantempo
crisantempo.com.br

Ilú Oba de Min
iluobademim.com.br

FOTO CINE CLUBE BANDEIRANTE



foto: Célio Coscia

CURSOS DE FOTOGRAFIA

- > Básico e Avançado
- > Foto Social
- > Foto de Casamentos
- > Foto Moda e Book
- > Foto em Estúdio
- > Foto Publicitária

71 anos de experiência



FOTO CINE CLUBE
BANDEIRANTE

11 - 3214 4234

Rua Augusta, 1108 - São Paulo - SP - <http://www.fotoclub.art.br>



AFROBRASILIDADES
& A F I N S

2º VOTO

MENE
LICK

